

À procura de palavras: A utilização de línguas locais melhora a compreensão por parte das pessoas afectadas pelo ciclone Idai, na Beira, Moçambique



As pessoas afectadas pelo ciclone Idai precisam tanto de informações e de uma voz como de abrigo e comida. Em abril de 2019, a Translators without Borders (Tradutores Sem Fronteiras, em português) pediu informações às pessoas deslocadas na Beira, Moçambique, sobre as suas necessidades em matéria de linguagem e informações. Isto é o que descobrimos através das pessoas com quem falámos:

- ▶ **33%** não têm informações, nem têm a certeza se dispõem de informações suficientes sobre os serviços humanitários.
- ▶ As pessoas a viver em zonas de acolhimento temporário na Beira falam **17** línguas. Sena, ndau e chwabo são as línguas mais faladas.
- ▶ **44%** das mulheres não percebem o português falado.
- ▶ **65%** das mulheres de todas as idades e **57%** das pessoas de ambos os sexos com mais de **50** anos de idade não compreendem informações escritas, qualquer que seja a língua.
- ▶ A grande maioria das pessoas afectadas e inquiridas prefere receber informações em formato áudio. Os cartazes e folhetos para levar para casa são os canais preferidos de informação escrita.

Os inquiridos mostraram-se frustrados com a dificuldade em comunicar:
“Acho que seria melhor se tivéssemos uma tenda onde pudéssemos colocar as nossas sugestões e até reclamações. Só assim é que eles poderiam perceber as coisas de que gostamos e as coisas de que não gostamos. Agora somos como um cão no cativeiro que só faz o que o dono quer.”

- Homem residente no campo Picoco

Oito formas de comunicar mais eficazmente após o ciclone Idai:

1. Compreender as necessidades e preferências de comunicação das pessoas afectadas.
2. Dar prioridade às mensagens áudio nas línguas locais.
3. Garantir que as informações partilhadas são consistentes e atempadas para limitar o medo e o desespero.
4. Criar com urgência mecanismos de comentários confidenciais e de linguagem adequada.
5. Criar materiais de conteúdos altamente gráficos e testá-los em campo, desagregando-os por língua materna, género e idade.
6. Utilizar glossários para garantir uma comunicação consistente e precisa.
7. Dar formação aos funcionários de campo sobre a importância da linguagem e os fundamentos da interpretação humanitária.
8. Considerar a linguagem como um factor de vulnerabilidade.

Ler o relatório completo [aqui](#).

Esta publicação é financiada pelo Fundo H2H, um mecanismo de financiamento para os membros da Rede H2H, com o apoio da UK Aid, do Governo britânico.